

EXECUTIVE PAPERS

ENSINAR E AVALIAR OS ALUNOS NO ENSINO SUPERIOR O ESPÍRITO DE BOLONHA E O ESTADO SOCIAL

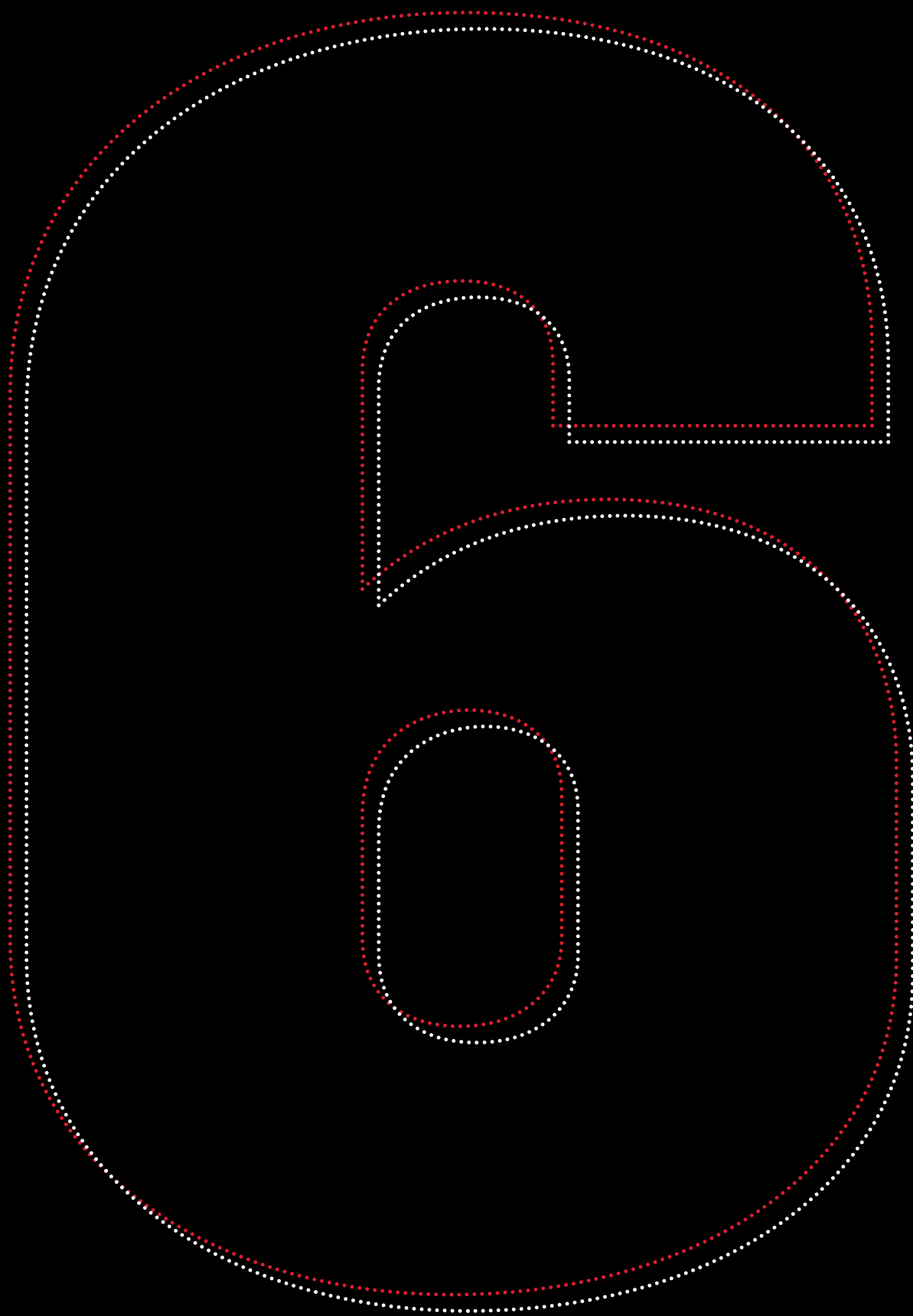
RESUMO No novo contexto social e tecnológico, confirmado no Ensino ao nível europeu pelo modelo de Bolonha, analisam-se as características gerais do Ensino Superior em Portugal, através dos seus agentes principais (Professores e Alunos), modo de ensino e avaliação. Com base na experiência acumulada de ensino durante 14 anos, propõe-se uma mudança de atitude real nos Professores e Alunos, como motor de um novo modelo e perspectiva de Ensino, baseado na avaliação do desempenho e aprendizagem em contínuo.

ABSTRACT Within the new social and technological environment, incorporated in the teaching and learning system at the undergraduate and graduate level, throughout Bolonha's principles, the actual main characteristics of the Professors and the Students, the teaching and evaluation methods are described. Based on 14 years of teaching and experience, a real change of attitude in Professors and Students is proposed. They both are the *first energy* of a new model and way of teaching, based upon the student evaluation during class, as a continuous project.

KEYWORDS

Ensino
Avaliação
Bolonha

AMARO, ANA AIRES Professora Auxiliar, ISG, Instituto Superior de Gestão.



1. DE ALUNA A PROFESSORA

Fui aluna *de carteira* durante 18 anos. Durante estes 18 anos elegi os meus professores preferidos: os que se empenhavam, os que ensinavam com *produção de energia* e os que sabiam muito e conseguiam transmitir o que sabiam usando a arte de ensinar foram os meus eleitos. *Lembro-me* dos seus nomes: António Câmara, José Taborda e Manuel Carrondo. Comecei a ensinar, por engano e repetindo o que os livros nos ensinam, em 1987, tentando *imitá-los*. Comecei a ensinar, *conhecendo a prática das matérias que me propus ensinar*, só a partir de 1997.

Nos primeiros anos tinha um quadro e um retroprojector; os acetatos serviam para *condensar* alguma matéria e para escrever durante a aula. A entrada dos computadores no ensino permitiu substituir os acetatos por *power points*. A documentação que era fotocopiada pelos alunos passou a ser impressa, depois de ser disponibilizada por *email*. Hoje ela é disponibilizada através de plataformas de *e-learning*.

Desde que comecei a ensinar, com a ajuda e evolução da tecnologia, mudei a forma de fazer chegar aos alunos toda a informação documental. **Mas mudei, também, a forma de ensinar (e avaliar).**

2. PROCESSO DE BOLONHA

Em 1999, foi assinada por 29 países europeus, incluindo Portugal, a *Declaração de Bolonha* que estabelece a criação de um Espaço Europeu de Ensino Superior que permita a existência de um sistema de graus comparável, assente numa estruturação do ensino superior em três ciclos de estudos. Além de implicar alterações estruturais, o *Processo de Bolonha* implica, necessariamente, uma **mudança de atitude no processo global de ensino-aprendizagem**.

Hoje, volvidos mais de dez anos, é comum ouvir afirmações como “O *Processo de Bolonha* foi uma oportunidade perdida para reformar a fundo o ensino superior” ou “a maioria das instituições faz uma operação de cósmética aos *curriculae* dos seus cursos e, utilizando as mesmas metodologias de ensino, auto classifica-se de *seguidora de Bolonha*, sem cumprir qualquer espírito *fundamental de Bolonha*”.

Bolonha implica uma **mudança de metodologias de ensino** mais orientadas para o **desenvolvimento pessoal de competências**, a **pesquisa e compilação de matérias** e a **aplicação prática dos ensinamentos**. O convite a um estudo mais individual e menos colectivo, no sentido de a responsabilidade da aprendizagem estar não só do lado do professor e das aulas que orienta, mas também do lado do aluno, *que terá de analisar as matérias para além do que foi dito dentro de uma sala*, e do acompanhamento personalizado e individualizado do estudo, é uma das propostas principais de Bolonha.

As **novas tecnologias** estão, é claro, ao serviço do cumprimento destes objectivos.

3. CARACTERÍSTICAS DO ENSINO SUPERIOR

O Ensino Superior, como sistema social em Portugal, pode ser analisado relativamente aos actores (Professores e Alunos), à função básica (Ensino) e ao mecanismo de validação (Avaliação).

PROFESSORES

O vínculo dos Professores no Ensino Superior é diverso. Como exemplo, e baseando-nos nos dados oficiais do REBIDES referidos a Dezembro de 2008 (REBIDES, 2008), no ISEG **75%** dos seus 244 Professores são-no em regime de dedicação exclusiva ou tempo integral, sendo estes valores iguais a **31%** (num total de 795 professores) e **29%** (de 49 Professores) na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (em Lisboa) e Instituto Superior de Gestão, respectivamente.

Os Professores *dedicados à escola* têm, à partida, uma disponibilidade para ensinar e interagir com o aluno diferente do Professor que tem de dividir a sua actividade docente com outra actividade (docente ou empresarial): este é mais um “especialista” (não em métodos de ensino) com uma intervenção avaliada com utilidade pela escola (ou um docente que acumula e que se divide entre diferentes escolas). Os primeiros, dedicados à escola, terão dois tipos de funções: o ensino e a investigação. Terão, ainda naturalmente, preocupações relativas a *métodos de ensino*.

ALUNOS

Os alunos no Ensino Superior pretendem completar o grau de ensino a que se candidatam. Neste conjunto há alunos trabalhadores, entusiasmados e motivados, há-os por vocação e por imposição social, há alunos mais e menos responsáveis, *mais ou menos amadurecidos*, os que têm muito tempo e os *não o têm*. Há alunos com melhor preparação de base, assim como os há *mais rápidos* na apreensão das matérias. Nenhuma destas características é verdadeiramente limitante para qualquer tipo de ensino e avaliação.

As aulas são *desenhadas para o aluno*: espera-se que o aluno participe ou assista às aulas. O absentismo é, no entanto, muito comum diferindo em função da cultura da Escola: há aulas a que os alunos faltam, *por definição*; há aulas a que os alunos não faltam, de um modo geral, ou faltam esporadicamente.

Independentemente do modelo de aluno, aula ou professor identifica-se uma característica transversal a todos os tipos de alunos: a necessidade de estar presente nos momentos de avaliação, preparados ou não (variando a proporção de cada em função da Escola). Esta necessidade, num aluno não preparado, estará correlacionada com o seu grau de imaturidade...

ENSINO

O ensino que os Professores adoptam poderá ser tipificado, enumerando alguns tipos:

- 1) Aula tradicional – de cátedra – em que o Professor explica os conteúdos programáticos de acordo com uma ordem pré estabelecida, por ex. por um livro de texto
 - A documentação de suporte é disponibilizada ou não, antes ou depois das aulas.
 - As aulas são potencialmente graváveis e transcritas para estudo por parte dos alunos (os mais organizados e responsáveis fazem-no)

- 2) Aula prática em que o Professor resolve exercícios no quadro e os alunos copiam ou resolvem ao mesmo tempo
 - Os exercícios resolvidos são fotocopiados e distribuídos pelos alunos por sua iniciativa
- 3) Aula teórico-prática com características mistas.
- 4) Aula de debate
 - Há um tema que é documentado e conhecido antes da aula que deve ser preparado pelos alunos para, na aula, ser objecto de análise e debate.
- 5) Aula seminário em que o Professor apresenta um tema, com elementos teóricos e aproximação à realidade com descrição de casos de estudo (reais ou simulados).
- 6) Aula de prática em que os alunos, com um guião conhecido antecipadamente, resolvem exercícios propostos, propondo soluções que serão durante a aula ou no fim analisadas em conjunto. São os alunos que trabalham para aprender.

Qualquer um destes tipos de aulas tem aspectos positivos e negativos, cumprindo diferentes objectivos que, num projecto de ensino, se complementarão.

Uma aula é programada para o aluno aprender. Tanto quanto possível para aprender *na aula*, ou iniciar a aprendizagem do tema abordado na aula.

Em muitos casos, por falta de maturidade dos alunos, por razões culturais e históricas, os alunos assistem às aulas, retirando do *processo* uma proporção mínima do objectivo a cumprir: um desperdício. Dir-se-á que o objectivo não é cumprido.

AVALIAÇÃO

Subjacente a um projecto de ensino está a avaliação, entendida como avaliação do sucesso do ensino, que se traduz, tradicionalmente, pela proporção de aprovações e consequente classificação média.

São diversos os tipos de avaliação:

- 1) Avaliação final através de um exame escrito, uma forma tradicional, muito antiga, e ainda em vigor.
- 2) Avaliação parcial e final através de duas provas escritas, *designadas hoje em dia* muitas vezes como *avaliação contínua*¹.
- 3) Elaboração de um trabalho – designado de Projecto – ao longo do decorrer da disciplina.
- 4) *Avaliação em contínuo* pressupondo que em todas as aulas os alunos são avaliados pela sua prestação nas aulas, subjectivamente ou objectivamente (por ex. através de testes no final da aula)
- 5) Provas orais individuais durante o decurso da disciplina e/ou no final
- 6) Um misto dos processos acima descritos

A avaliação serve diversos objectivos:

- 1) Avaliar a quantidade de conhecimento que o aluno assimilou;
- 2) Avaliar o que o aluno sabe e o esforço e método que usou para aprender;
- 3) Avaliar o sucesso do Professor e
- 4) Criar a necessidade de estudo, de assimilação, de aquisição do saber.

O processo de avaliação tradicional (exame escrito, prova escrita) é um processo fácil mas redutor que gera fraude por parte dos alunos, sobretudo devido à sua natural imaturidade e processo de formação a que são sujeitos pela família, Escola e sociedade portuguesa. Talvez seja o dever da Escola inverter o processo e minimizar a geração de fraude: a avaliação em contínuo e as provas orais são processos de avaliação menos sujeitos à fraude, com a vantagem de favorecer os alunos que trabalham, característica que é meritória e deverá ser promovida pela Escola. Naturalmente, este processo de avaliação, além de promover o trabalho, pro-

¹ Desde que Bolonha entrou no sistema, a terminologia *avaliação contínua* entrou, também, nos *Syllabus* que descrevem as disciplinas. Na grande maioria dos casos a avaliação contínua corresponde a um processo de avaliação semestral com dois testes escritos (um a meio do semestre e o outro no fim), contrariando o modelo mais tradicional de um único teste final.

move a transferência da informação e a sua aquisição pelos alunos: promove o saber.

Deste modo, acoplando avaliação *imediata* ao ensino, promove-se a aprendizagem sustentada, garantindo a formação qualificada dos alunos em detrimento da “rápida absorção” para efeitos de um exame que, como sabemos, é rapidamente descartável.

4. A MINHA EXPERIÊNCIA DE ENSINO (1997-2010)

Comecei em 1997 com acetatos, disponibilizando cópias aos alunos, tentando imitar os meus melhores professores do passado. As turmas a quem ensinava eram de 20-30 alunos.

A evolução das tecnologias de informação permitiu trocar o acetato pelos ficheiros electrónicos, em disquete, numa intranet implementada pela Universidade, para um *email* “da turma” criado no domínio @hotmail ou @gmail e finalmente para uma plataforma de *e-learning* gratuita e desenvolvida de acordo com as necessidades, *naturais*, transversais de professores e alunos (neste caso a plataforma *moodle*).

As turmas foram-se mantendo sempre com um máximo de 40 alunos até há poucos anos atrás em que as turmas cresceram para 120 alunos (aulas teóricas) e 40 a 60 alunos em aulas práticas ou teórico-práticas.

O método de ensino evoluiu no sentido de promover a *reactividade dos alunos*, questionados no decurso da aula, solicitados a intervir constantemente e ao acaso para promover uma aula dinâmica e com uma direcção que o aluno ajuda a definir; mais motivante e adaptada.

As aulas teóricas são ministradas no sentido de introduzir um tópico da matéria, as suas linhas gerais, os pormenores teóricos e precisos de interesse e importância global, efectuar uma descrição de um caso de estudo de interesse geral e preparar as aulas práticas, de execução consequente. Estas, com um número reduzido de alunos, evoluíram no sentido não só do ensino/aprendizagem mas no sentido complementar da **avaliação da prestação do aluno em contínuo**: em turmas até 20 alunos a avaliação do aluno é feita aula a aula medindo o esforço do aluno para aprender (antes e durante a aula) e o saber do aluno, trabalhando oralmente com cada um dos alunos. Como complemento o aluno pode ser submetido a um teste de resolução rápida (conceitos). No final de cada aula, ao aluno é atribuída uma classificação. Em aulas com mais de 20 alunos não é exequível avaliar o aluno em todas as aulas tendo por base uma troca de ideias e análise de um problema. Em vez deste modelo utiliza-se o modelo de teste rápido (*online* implementado na plataforma de *e-learning*) com classificação automática e imediata. A ocorrência deste tipo de testes para todas as aulas garante que no final de um semestre o aluno foi avaliado em contínuo com um rigor que é validado pela *quantidade*².

As aulas práticas, de execução / caso de estudo, são normalmente conduzidas através de um guião que orienta os alunos para que possam evoluir sozinhos durante a aula ou até antes da aula (estes guiões são conhecidos com a antecedência necessária a serem realizados antes da aula, se for essa a opção do aluno), promovendo a autonomia e a capacidade de pesquisa e estudo complementar no aluno.

² O Teorema do Limite Central (Amaro, 2009) ajuda a explicar esta afirmação.

A evolução da *minha forma de ensinar*, desde 1997 até hoje, baseia-se na experiência acumulada, no amadurecimento do conhecimento teórico das matérias que ensino, na identificação de tópicos de relevo diferenciados de acordo com o contexto da disciplina no seu curso e, claro, na evolução das novas tecnologias e das motivações que a sociedade de hoje gera nos jovens que se integram no sistema de ensino.

5. UM MODELO PROSPECTIVO DE ENSINO EM 2011

O Ensino é um *processo dinâmico*, de crescente interactividade entre o Professor e o Aluno.

O **desenvolvimento pessoal de competências**, a **pesquisa e compilação de matérias** e a **aplicação prática dos ensinamentos**, à luz dos princípios de Bolonha e da nova sociedade tecnológica, são objectivos a integrar no sistema: *transformar* e integrar os Alunos, motivando-os e acompanhando-os no desempenho desta nova *atitude*.

O estudo mais individual e menos colectivo, no sentido de a responsabilidade da aprendizagem estar não só do lado do professor e das aulas que orienta, mas também do lado do aluno, *que terá de analisar as matérias para além do que foi dito dentro de uma sala*, implica um *processo continuado de aprendizagem*, um *processo cumulativo* que deverá ser *promovido e validado* pelo Professor.

1) ENSINAR

Ensinar em 2011 é mais exigente: requer saber mais mas permite, ao aluno, aprender mais e em contínuo. O ensino não fica fechado a um conjunto de técnicas com determinada abrangência teórica. Requer aplicação e essa aplicação é real e sempre diferente. Sem perder o foco no ensino preciso e formal, necessário à boa transmissão do conhecimento e compreensão/aprendizagem, é necessário validar o sucesso do ensino/aprendizagem, também em contínuo.

2) O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS

O ensino e avaliação em contínuo, implicando necessariamente a *exclusão* do aluno durante o processo de ensino/aprendizagem *se o aluno não trabalhar*, permitem motivar o aluno e dar-lhe condições de melhoria das suas prestações a cada passo. Dos alunos que acabam avaliados em contínuo – *porque não desistiram* – a grande maioria (mais de 90%), terá condições para ser aprovado.

3) VANTAGENS

A Escola, de encontro aos princípios de Bolonha, promove a seriedade, a exigência e o acompanhamento dos seus alunos. Os que são aprovados sabem.

4) NECESSIDADES

As aulas e avaliações exigem trabalho antecipado e estruturado por parte dos docentes.

Exige uma *mudança de atitude* no Professor e no Aluno, adaptados, desde há muito, a um regime de ensino e avaliação tradicional: neste modelo o trabalho de um e de outro é *contínuo* (presencial e à distância) e em *interacção*.

6. CONCLUSÕES

Naturalmente o futuro do Ensino de qualidade será guiado pela evolução conjunta do ambiente social e tecnológico, sendo difícil prever, *como o era em 1997*. É indiscutível que a sociedade, na sua vertente tecnológica, *tem de entrar na Escola*: para acompanhar este projecto é necessária a existência de computadores, ligação à internet e plataformas de *e-learning* que agilizem os processos de implementação de *ensino e avaliação em contínuo*. Estas condições, restrições há dez anos, são hoje uma realidade na Escola.

O Processo de Bolonha nasce num novo contexto social, adequado a um conceito de mobilidade e tecnologia que é inerente a uma mudança de atitude, natural da sociedade e, por inerência, da Escola. A mudança social ocorreu, entrou no ensino básico e secundário comandada pela Tutela, mas a mudança no Ensino Superior em Por-

tugal *ainda não acompanhou o espírito de Bolonha ou da sociedade*.

Dadas as suas características, os alunos para estudarem, para melhorarem os seus conhecimentos e a sua formação geral *têm de ser ensinados/pressionados nesse sentido*.

O registo mental de um adulto maduro face a uma prova de avaliação é preparar-se/estudar o assunto. O registo mental de um aluno ainda pouco amadurecido é *não faltar* a uma prova de avaliação MESMO se não estiver preparado³.

A pressão da avaliação promove, no aluno trabalhador, a necessidade de estar *sempre* preparado: o estudo é feito em contínuo, por ser prioritário, assim como avaliação dos seus conhecimentos. Além de ajudar a cumprir o objectivo da Escola ao receber o aluno, auxilia a formação geral do aluno.

Uma forma de manter os alunos em regime de *aprendizagem em contínuo*, promovendo o saber, é exigir trabalho em contínuo, que será avaliado em contínuo. O modelo de avaliação poderá ser a *chave do problema*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaro, A.; Silvestre, C e Fernandes, L. (2009) – *Estatística Descritiva. O segredo dos dados*. Lulu. 1ª ed. ISBN987-1-4452-6376-2. www.lulu.com/content/paperback-book/estat%c3%adstica-descritiva-o-segredo-dos-dados/7679943

REBIDES (2008) - http://www.rebides.oces.mctes.pt/rebides08/rebid_m1.asp?codr=110 [2011-01-20]

³ muitas vezes, só porque divulguei que ia efectuar um teste no final de uma aula, com o objectivo de avaliar o que o aluno aprendeu na aula, tive alunos – desconhecidos – que apareciam no final da aula, sem ter participado na aula, *só para realizar o teste* (que era sobre a aula): os resultados sempre desastrosos.